

Óscar Lopes: recordar o linguista, o mestre e o amigo

Fátima Oliveira
foliveir@netcabo.pt

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto*

A 22 de março, dia da Universidade do Porto, Óscar Lopes deixou-nos, mas a sua investigação e a memória do seu extraordinário saber e da sua enorme sensibilidade continuarão sempre a acompanhar-nos.

Muitos conhecem as suas obras, muitos lhe podem chamar mestre e alguns tiveram o privilégio de o conhecer também e chamar amigo, mas lembrar Óscar Lopes é correr um enorme risco pois dificilmente seremos fiéis ao essencial.

Por isso me ocorrem estas suas palavras: “Não confio em qualquer título de autorreconhecimento, porque tanto as nossas imagens a um espelho polido como as nossas imagens que os olhos alheios devolvem estão, não apenas erradas na sua simetria axial, mas medusadas pelo reflexo inverso do nosso próprio olhar que fita, e que fixa, essas nossas imagens”. (Lopes, 1986:19-20)

Óscar Lopes é muito mais conhecido pelos seus trabalhos de crítica, ensaio e história literários, mas a sua extraordinária faceta de linguista, embora menos conhecida ou até acessível, está perfeitamente de acordo com a sua personalidade. Foi, por certo, uma forma de resistir à proibição de ensinar Literatura a partir de 1953, mas a Linguística foi também para Óscar Lopes uma das formas de tentar encontrar respostas às muitas perguntas que fazia sobre o homem e sobre a vida. A busca de sentido e o sentido que a vida faz levaram-no desde muito cedo a interessar-se por Semântica, em particular Semântica formal, e por uma certa Pragmática.

É certo que escreveu: “Não faço linguística: trata-se apenas de, com a mais rigorosa metodologia disponível, refletir sobre certos gestos do nosso mais espontâneo modo de falar, gestos que têm que ver com relações especiais de

tempo, de atitude e de referência na comunicação social possível” (Lopes, 1986:20). No entanto, a sua investigação marcou o início em Portugal dos estudos formais em Linguística e em particular da Semântica e influenciou uma geração de linguistas.

Para Óscar Lopes, a Linguística está sempre presente de uma certa forma porque a língua, materialidade da comunicação e do pensamento nos envolve e nos constitui. E por isso nos diz: “Não é apenas apaixonante, em si mesmo, tentar apreender a álgebra da comunicação verbal, sobretudo daquelas palavras, ou operadores, graças aos quais todas as mais diversas maneiras de pensar e agir, mesmo as que são cientificamente mais sofisticadas, se conjugam com os dados mais radicais da comunicação (o *eu* e o *tu*, o *agora* ou não, o *aqui* ou não, o *assim* ou de outro modo), – mas suponho ainda que, para a apreensão mais fina da poesia, não será indiferente o facto de, por exemplo, a palavra *isto*, nos seus mais óbvios usos em português, exigir que o contexto desambigue entre os 76 principais tipos diferentes de localização espacial que comporta” (Lopes, 1986: 21).

A *Gramática Simbólica do Português – um esboço* representa o culminar de uma investigação extraordinária longamente amadurecida e testada com alunos do então Ciclo Preparatório, cujas perspetivas teóricas o interessavam desde pelo menos os anos 50 e que estão patentes em artigos de 1958 como “Lógica Gramatical e Lógica Simbólica”, ou “Gramática escolar - reduto de um anacronismo”. E numa comunicação ao VI Congresso do Ensino Liceal, em 1971, “Perspetivas de uma Gramática Simbólica”, o Professor Óscar Lopes diz o seguinte: “O cálculo proposicional bivalente elementar supre, com enorme vantagem gramatical e estilística, a taxinomia usual das orações, conjunções e complementos circunstanciais delas sintaticamente deriváveis, substituindo a didática classificatória, fechada, por uma didática de análise aberta a todos os matizes contextuais e a todas as interpretações alternativas, o que fomenta a autonomia judicativa e a criatividade do educando, munindo-os ao mesmo tempo de uma disciplina interna”.

Esta citação, entre muitas outras possíveis, serve para ilustrar a sua conceção extremamente inovadora de Gramática, associada a instrumentos de Matemática e de Lógica. No entanto, a preocupação com a formalização em Linguística surge só no século XX, devendo contudo assinalar-se que é só a partir de meados dos anos 50 que surgem os primeiros textos fundadores

e é principalmente a partir dos anos 60 que se assiste a um impulso da Semântica Formal, sobretudo com os trabalhos de Montague. Mas estes textos criadores de novas perspetivas sobre a análise linguística não são então conhecidos em Portugal, quer pelo isolamento em que vivíamos, quer porque alguns deles só mais tarde foram publicados.

Na *Gramática Simbólica*, utilizando instrumentos teóricos do cálculo proposicional, da lógica de predicados, da teoria dos conjuntos, de topologia, de relações matemáticas e lógicas de vários tipos e suas propriedades, Óscar Lopes trabalha um número considerável de questões linguísticas que vão desde a distinção semântica entre nomes próprios e comuns, questões de quantificação, definidos e indefinidos, demonstrativos, «coordenação» e «subordinação» de vários tipos, até questões de tempo, aspeto e modo. É, aliás, interessante notar, a título exemplificativo, como Óscar Lopes, já em 1971, recorre, para o estudo do tempo, à noção de intervalo como conjunto de pontos unilinearmente ordenados, quando o texto clássico e fundador desta abordagem em semântica linguística formal, escrito por Bennet e Partee, data de 1972, mas só é publicado em 1978.

Como em qualquer domínio científico, a linguística mudou muito e as teorias semânticas desenvolveram-se bastante nos últimos trinta anos, o que o entusiasma bastante estudar, mas este trabalho excepcional do Professor Óscar Lopes, depois de mais de 40 anos, ainda causa espanto e admiração, é fonte de inspiração e dá um enorme prazer ler.

Depois desta obra fundamental, Óscar Lopes continuou a desenvolver investigação em Linguística, abarcando assuntos desde a semântica dos nomes massivos, usando a difícil formalização de sistemas de lógica intensional, fez estudos sobre contrastivas, condicionais, concessivas e causais, passando por estudos sobre o Presente e a dêixis, e interessando-se também por partículas discursivas como *pois*. Alguns destes textos foram reunidos e publicados em 2005.

A necessidade de ultrapassar a superfície deste contínuo sonoro que é a língua e a consciência da sua complexidade levam-no a tratar com igual rigor e atenção frases como '*Os homens trazem a mobília*', '*O Zé chega sempre às sete*', '*Isto é maravilhoso*', '*O João sai, ainda que chova*' ou

textos literários.¹

Foi também um extraordinário professor de Linguística quando, depois de o 25 de Abril lhe ter tornado possível ensinar na Universidade, iniciou o curso de Linguística Matemática, o que ao tempo foi também totalmente inovador. Mas também lecionou outras disciplinas como Semântica, História da Língua, Introdução aos Estudos Linguísticos ou Pragmática tanto a estudantes de licenciatura como de mestrado.

A sua capacidade de relação com assuntos tratados por outras áreas em Linguística e com outros domínios científicos, como, por exemplo, a Biologia, a Física e a Astrofísica, ou ainda com a Filosofia, a Antropologia ou a História fez as delícias de todos os que com ele privaram em aulas, conversas ou em leituras.

De facto, de modo direto ou indireto influenciou muitos linguistas e pessoas interessadas no estudo de questões linguísticas, que procuram em diferentes modos de formalização instrumentos adequados que tornem possível encontrar algumas respostas que vão para além de um descritivismo pré-científico. Tentou também ensinar-nos que as possíveis respostas constituem uma plataforma para novas perguntas e que a necessária redução do campo de análise na investigação, em qualquer domínio científico, não deve fazer-nos esquecer os dados nem a própria reflexão crítica. Por isso defendeu a formalização como meio de tornar mais claras e passíveis de infirmação a descrição e a explicação em Linguística.

Porém, o seu desejo de captar a ordem na desordem aparente, de a enfrentar e a dominar através de teorias altamente formalizadas não o impediram de escrever “Não há ciência, não há prática, não há política, não há nada de rigoroso ou eficaz sem fantasia” (Lopes, 1983: XX).

As palavras, essa espécie de gestos falados, sempre o intrigaram e fascinaram porque de uma certa forma estava sempre à procura de uma resposta e, de preferência, diferente da sua, pois, para ele, era nesse diálogo que se cria um olhar novo. Um diálogo que sempre desejou e ao mesmo tempo o perturbava pela presença humana que o fazia sentir que “há um recado pessoal que não sei dar ou receber” (Lopes, 1986: 24).

¹ Veja-se o que Óscar Lopes diz na entrega do Prémio Vida Literária: “Raramente escrevo no embalo de duas ou três ideias fáceis, e nunca pratico a improvisação” in *Óscar Lopes – um homem maior do que o seu tempo, na comemoração dos seus noventa anos*, p. 191.

Por isso, o seu monólogo mais solitário sempre foi, de uma certa forma, um diálogo, uma polémica. Soube afinal de contas colocar-se na encruzilhada correta, soube ouvir o som, a princípio ténue, do novo. Soube olhar para longe, explorar o futuro e não deixou de sonhar.

Por tudo isto e por tudo quanto fica por dizer, estou convicta de que o Professor Óscar Lopes teria tido, no domínio da Linguística, uma projeção internacional muito maior, se tivesse desenvolvido a sua investigação num país e num tempo diferentes, nas várias leituras semânticas da palavra *diferente*.

Mas citando Óscar Lopes, que parafraseava Pessoa, *ser diferente é ter a oportunidade de ser superior*. Por isso, é urgente ler ou reler os seus textos, ouvir a sua voz e refletir, criando, se possível, novos olhares e formulando novas perguntas pois é isso que espera de nós.

REFERÊNCIAS

- Bennet, Michael & Barbara Partee. 1972. *Toward the Logic of Tense and Aspect in English*. Report, System Development Corporation, Santa Monica. Bloomington: Indiana University Club, 1978.
- Lopes, Óscar. 1971. *Gramática Simbólica do Português (um esboço)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Instituto Gulbenkian de Ciência, 2ª edição corrigida, 1972.
- Lopes, Óscar. 1983. Como Eu Gosto deste Livro. Prefácio ao livro de Haroldo Maranhão *A Porta Mágica*, Coimbra: Vértice.
- Lopes, Óscar. 1986. Palavras de Auto-Explicação, proferidas na sessão de entrega do Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Escritores em 1984, publicado em *Uma Arte da Música e outros Ensaios*, Porto: Oficina Musical, 19-25.
- Lopes, Óscar. 1996. Texto lido na entrega do prémio vida literária. In *Óscar Lopes – um homem maior do que o seu tempo, na comemoração dos seus noventa anos, 2007*, Câmara Municipal de Matosinhos, 187-193.
- Lopes, Óscar. 2005. *Entre a Palavra e o Discurso*. Estudos de Linguística 1977-1993. Coordenação da edição de Oliveira F. e A. M. Brito. Porto: Campo das Letras.

